# If you see something say something - 28/11/2021

\_Prescreve um discurso híbrido (descritivo-prescritivo) para a ciência  
contemporânea\*\*[i]\*\*\_  
  
Bruno Latour retoma o tema da primeira conferência, ou seja, da disputa entre  
climatologistas e climatocéticos, tratando a questão do clima como uma guerra  
sobre a qual os cientistas não podem se calar. A conferência traz verdades  
inconvenientes, a partir de uma matéria do Le Monde, que mostra que o nível de  
dióxido de carbono no ar é o mais alto em 2,5 milhões de anos[ii]. Ora, mais  
do que descrever um fato, tal reportagem também o prescreve, independentemente  
de se em tom de constatação ou performativo e, também, a reboque do que deve  
ser enfatizado sobre o Antropoceno[iii]: sim, o ser humano mudou a geo-  
história e já a teria impactado em um ponto de não retorno.  
  
Porém, rompendo a neutralidade axiomática, tais enunciados sobre o clima  
alertam para um agir, uma potência de agir no sentido espinosano, como adverte  
Latour, mas eles não dizem detalhadamente o que fazer. Ora, além disso, a  
potência de agir se rompe a atores inertes que seriam do discurso científico  
ou animados, da subjetividade humana ou de um rio, exemplo que Latour  
apresenta, e tais fronteiras se confundem quando eventos naturais são mais  
potentes que ações humanas, etc.[iv] A isso soma-se também o antropomorfismo  
que jornalistas acrescentam em suas descrições de fatos científicos e que se  
transformam em dramas narrativos, conforme continua a argumentação de Latour.  
Ali, vê-se como hormônios e neurotransmissores “inertes” \_atuam\_ no organismo  
e impõem a \_sua vontade\_ , etc., e se mostra como atores humanos podem ter sua  
vontade relegada e atores não humanos terem a vontade exacerbada, assim como  
não se distingue Natureza e Cultura, todos tendo objetivos e intenções ao  
invés de se partir de atores arbitrários.  
  
Se Galileu disse: “A terra se move!”, hoje podemos dizer: “A terra se co-move”  
(treme, terra animada...). Se lá ele mostrou que não só a terra era  
corruptível[v], hoje mais do que corruptível, além de movimento, ela tem um  
comportamento. Latour trata de uma contrarrevolução copernicana, o Novo Regime  
Climático, no qual emerge uma terra inquieta e desperta pela nossa ação e que  
tem ela mesma potência de agir. Terra que passa de mundo objetivo a ser  
controlado pela ciência para sujeito, esvaziando a polarização moderna  
sujeito-objeto[vi].  
  
Então, passa-se do contrato social proposto por Rousseau ao contrato natural  
desenvolvido por Michel Serres[vii]. Esse último com inspiração newtoniana,  
pois foi Newton quem tratou da interação entre “objetos”, por exemplo, como é  
o caso da força de gravidade, conceito que explicava a atração entre corpos e  
que poderia, sub-repticiamente, se dar por uma “força angelical”, senão que  
força seria essa que não a dos anjos? Todavia, o contrato natural se dilui em  
um compêndio de entes com suas potências de agir em exercício, seja um ser  
humano, um rio ou um hormônio.  
  
Mas é precisamente uma distinção entre Cultura e Natureza que tenta fazer com  
que se (des)anime os atores materiais e se superanime os humanos. Se as  
narrativas dos acontecimentos têm causas e consequências que se pretendem fora  
do mundo da liberdade humana, Latour argumenta que a própria semiótica pode se  
aplicar a todos os agentes que ele trata em seus exemplos, pois é pela ação  
que eles significam a sua existência em um mundo aninado no qual estamos  
implicados.  
  
\* \* \* \* \* \*  
  
Fechando questão, nessa 2ª. Conferência Latour procurou mostrar que a Terra  
não tem somente movimento, mas comportamento e, nesse sentido, “não está  
morta”, não é inerte como tendendo a permanecer na inércia, oriunda, segundo  
ele, de uma potência de agir entre causas e consequências, mas presa nas  
primeiras e produzindo o efeito da \_desanimação\_ mas também aí remetendo a uma  
causa primeira como que criacionista.  
  
Segundo Latour, uma visão científica da natureza dentro da série causal deixa  
de fora o acontecimento e retira do mundo sua historicidade. Ele aponta,  
então, que se saia da “religião da natureza” e se possa vê-la animada ainda  
que hoje como Gaia em estado permanente de guerra. A natureza deixa de ser  
pano de fundo e se junta à luta e passa a ser um sujeito ativo enquanto os  
humanos estão passivos, senão inertes.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Resenha da Segunda Conferência de Bruno Latour: \_Como não des(animar) a  
natureza.\_ Em LATOUR, B. \_Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza  
no Antropoceno.\_ São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de  
Humanidades Editorial, 2020.  
  
[ii] Ultrapassou-se o limiar de 400 partes por milhão (ppm). Outro dado que  
Latour cita é a conversão de nitrogênio atmosférico em fertilizantes, o que  
nos leva a eventos da ordem de bilhões de anos atrás. Conforme Agricultura  
industrial e ciclo do nitrogênio, artigo de Antonio Silvio Hendges, disponível  
em [https://www.ecodebate.com.br/2010/07/01/agricultura-industrial-e-ciclo-do-  
nitrogenio-artigo-de-antonio-silvio-  
hendges/](https://www.ecodebate.com.br/2010/07/01/agricultura-industrial-e-  
ciclo-do-nitrogenio-artigo-de-antonio-silvio-hendges/), esse processo era  
antes natural e passa a ser feito industrialmente depois da 2ª. Grande Guerra,  
pelas sobras de nitrato de amônio usado para fabricar explosivos. Então,  
“ainda estamos comendo as sobras da Segunda Guerra (Vandana Shiva)”. Porém,  
tem por base os combustíveis fósseis, na proporção de uma caloria de  
combustível fóssil por uma caloria de comida. Apesar de haver 78% de  
nitrogênio atmosférico, sua distribuição é irregular, com grandes populações  
subnutridas sem acesso a ele, como na África. Por outro lado, em monoculturas  
há grande contaminação ambiental por conta do nitrogênio sintético que se  
perde no processo produtivo, principalmente no Brasil, China e Rússia.  
Conforme Antônio: “Os efeitos da utilização indiscriminada de fertilizantes  
nitrogenados e do atual modelo de desenvolvimento da agricultura e da  
agropecuária podem ser \_tão impactantes e prejudiciais para o ambiente e a  
humanidade como as mudanças climáticas\_ , sendo um dos principais fatores que  
afetam negativamente a biodiversidade.”  
  
[iii] Conforme [https://museudoamanha.org.br/pt-  
br/antropoceno](https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno): Antropoceno é  
um termo formulado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química de 1995. O  
prefixo grego “antropo” significa humano; e o sufixo “ceno” denota as eras  
geológicas. Este é, portanto, o momento em que nos encontramos hoje: a Época  
dos Humanos. Aquela em que o Homo sapiens constata que a civilização se tornou  
uma força de alcance planetário e de duração e abrangência geológicas. Somos  
bilhões de pessoas no mundo e continuamos nos multiplicando.  
  
[iv] Os exemplos e passagens que Latour descreve tornam cristalina tal divisão  
(p. 87 e seguintes).  
  
[v] Sobre Galileu e tais pontos ver:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/07/primeiro-se-concebe-com-  
mente.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/07/primeiro-se-  
concebe-com-mente.html).  
  
[vi] E aqui vemos brotar um pensamento originalmente pós-moderno,  
contemporâneo.  
  
[vii] Ainda não o conhecemos... conforme Wikipédia: “Michel Serres foi um  
filósofo francês. Escreveu entre outras obras "O terceiro instruído" e "O  
contrato natural". Atuou como professor visitante na Universidade de São  
Paulo. Desde 1990 ele ocupou a poltrona 18 da Academia francesa”.